

Grupo de trabalho: **Competências e Habilidades Básicas**

Coordenadora: **Beth Fadel – MEC**

Rosângela Gonçalves Ribeiro

18 de março

Pauta definida no início da discussão do grupo:

- Conceituar competências e o posicionamento dos educadores brasileiros.
- Aplicabilidades (questionada pelo grupo): do quê? para quê?
- Conceituação: o que são habilidades básicas?
- Será a habilidade desvinculada de competência?
- Será feito um rol de competências?
- Leitura do conceito de competência do documento legal.

As Diretrizes Curriculares Nacionais definem competências. É preciso que todos tenham ciência, que se posicionem - apoio ou repúdio ao que está definido como conceito e modelo - e que se trabalhe para sua reconstrução. Considerou que o conceito é amplo, o que torna difícil articular e recriar, mas é preciso trazer para prática.

A dificuldade da operacionalização, que está além do alcance do professor em articular e avaliar, pode ser encontrada no bojo das transformações socioeconômicas. As empresas têm mais facilidade em trabalhar com o conceito de competência – exemplo: ISO 10.015 ou conceito de aferição – eficácia e eficiência, o que é medido ao final de cada treinamento. Avaliam resultados também fora da sala-de-aula.

Os processos e carga de valores são diferentes, mas é preciso que haja um padrão garantido. Exemplo: hotelaria, arrumação de cama. Currículo por competência é meio; o estilo e a forma de chegar lá podem variar.

Esse modelo por competência aponta para um ensino elitizado, que exclui um grande contingente de pessoas que, por não terem acesso a este ensino, passam a não ter as competências exigidas pelo modelo. O mercado dita o que a escola faz? As orientações do MEC para o ensino médio visam atender ao mercado. No ENEM estão contidas questões que atendem ao mercado de trabalho.

Será que trabalhar por competência não torna visíveis as nossas deficiências? Será que não é excludente a avaliação do que o indivíduo não traz? Sem excluí-lo, pode-se traçar um percurso individual a partir da avaliação?

No modelo inglês, as competências são definidas pelas empresas e isso assusta um pouco. No Brasil, tentou-se fugir um pouco do que ditam as empresas, porém os ingleses são práticos, trabalham com melhoria de

resultados, ao contrário dos brasileiros que são muito teóricos, discutem muito.

Há dificuldade dos professores em flexibilizar, trabalhar com suas próprias competências. O medo do desconhecido faz com que ainda tenham necessidade de querer ensinar conteúdos.

É necessária a quebra de paradigmas. Estamos deixando um modelo taylorista. Entender que o conceito de competência está carregado de subjetividade, valoriza o conhecimento que o indivíduo traz. É difícil chegar a uma conclusão.

As escolas estão em um momento de transição em que, apesar de ter conhecimento do novo modelo, mantêm a estrutura do modelo anterior. Ou seja, organizam o conhecimento por disciplinas, tentando incorporar no seu dia-a-dia este novo modelo. Nós não estamos partindo do zero, o Brasil tem um modelo pronto.

### **O grupo identificou:**

- É necessário reconstruir e consolidar o conceito de competência já existente.
- Tanto a rede pública quanto a rede privada têm dificuldades.
- As empresas levam vantagem porque já trabalham por resultados.
- Há problemas de qualificação de um modo geral, e não só com relação aos professores.
- Temos modelos de competências. O processo de defini-los foi difícil, mas está pronto, com algumas imperfeições, mas está construído.
- Falta visão clara, crítica, dos conceitos que estão difundidos.

Grupo de trabalho: **Competências e habilidades básicas**

Coordenadora: **Beth Fadel – MEC**

Rosângela Gonçalves Ribeiro

19 de março

- Questão conceitual e estágio da compreensão/do posicionamento/do consenso brasileiro em relação ao tema – “estado da arte” (incluindo visão crítica do “modelo”);
- Sentido da explicitação de um conjunto de competências básicas “chave”, “transversais” ou de “navegabilidade profissional”;
- Contribuição do grupo, se for o caso, para a explicitação de um conjunto dessas competências.

As grandes empresas têm o seu rol de competência definido em relação ao seu negócio; organizam e realizam seminários de: gestão por competências, seleção por competências, avaliação por competências, treinamento de competências.

Os levantamentos de competências variam de metodologia, mas buscam identificá-las atreladas ao negócio da empresa. Estão comprometidos com os resultados.

Será que as competências básicas não deveriam ser explicitadas, a exemplo do que acontece nas grandes empresas? Não fica diluído? Os educadores não deveriam ter clareza para poder trabalhá-las?

O ENEM tem cinco competências básicas, que bem ou mal estão explicitadas.

Exemplo - projeto, liderado pelo MEC para a construção das Diretrizes Curriculares da área de comunicação, em que foi criado um fórum, mas não teve continuidade.

Tem muita gente e muitos órgãos trabalhando nesse assunto, mas as ações não estão articuladas.

Se fosse feita uma fotografia da realidade brasileira, veríamos que é preciso explicitar e concretizar esse rol de competências básicas.

Quais são essas competências básicas? Elas são de âmbito nacional?

Existe um modelo de competência brasileiro, um rol de competências sugeridas, mas não estão claras, não há comprometimento por parte dos atores envolvidos no processo.

Falta política educacional séria, muitos fatores dificultam a implementação dessas ações – formação dos educadores, recursos, salários etc.

## **Educação Profissional e Competências**

O modelo britânico e perspectivas brasileiras

---

Por que algumas experiências, bastante revolucionárias, subsistiram, se fortaleceram independentemente de políticas?

O trabalho de equipe pode fazer acontecer, na construção, implantação e continuidade do projeto.

Necessidade de se estabelecer padrões de qualidade, critérios, ideários para se atingir metas e resultados.

Exemplo da NBR ISO 10.015 – é necessário que se comprovem os resultados atingidos.

As competências devem ser analisadas em relação ao necessário ou padrão estabelecido e não em relação ao domínio que o professor tem dessa ou daquela competência. É preciso que o educador esteja disposto a sair de sua zona de conforto, que aceite o desafio do aprender a aprender.